



A ARTE DE SONHAR E ASSISTIR

- Filha, iremos ao cinema assistir aos nossos sonhos da semana. – disse minha mãe.

Nesse momento, o ar some e eu quase me engasgo.

- Por quê? – pergunto sem respirar.

- Porque faz tempo que não fazemos isso. Você vai e ponto.

O pânico me atinge e preciso sair para recuperar o fôlego.

- Tá. Eu vou ao mercado comprar um lanche.

A cabeça dela acenando positivamente foi a minha deixa. Saí e andei pelas ruas vazias enquanto respirava fundo. Eu tinha sonhado de novo com a única coisa que acelera meu coração e me traz conforto. O problema é que minha família não pode descobrir isso.

A arte sempre foi minha maior paixão e sempre será. Sonho frequentemente com um futuro artístico, contrariando o desejo da minha família, que é uma carreira pra mim na advocacia.

Consigo me acalmar enquanto observo um pequeno riacho, respiro e, então, cogito voltar para casa. Vou ter de achar alguma desculpa ou falar a verdade.

Ando calmamente rumo ao meu lar. Questiono-me se devo desistir desse sonho bobo. Penso que se assim o fizer, desistirei de mim mesma. Contudo, não terei coragem de contar a verdade e muito menos de mentir. Eles vão descobrir assim que entrarem na sala de cinema e o “filme” começar... Eu, numa faculdade de artes plásticas, fazendo algo que “não dá futuro”, mas que traz minha felicidade. Foi exatamente o sonho dessa noite. E da anterior. E da noite antes dessa...

Não posso deixar que descubram. Sinto lágrimas enchendo meus olhos até transbordarem e sigo meu caminho mesmo assim. Vou convencê-los a não ir ao cinema dos sonhos. Isso. Sinto a adrenalina ser minimamente liberada em meu corpo e acelero o passo, atravessando as calçadas e as ruas.

Ao chegar perto de casa, paro e vejo minha mãe na porta, segurando um guarda-chuva. Nesse momento, percebo que uma garoa tomava conta do céu, causando certa preocupação nela. Hesito por alguns segundos, mas decido que chegou a hora. Ou nunca terei coragem de afirmar quem sou e o que me faz feliz.

Atravesso correndo a rua. Pena que foi a pior decisão que eu poderia tomar. Aliás, foi a pior e última decisão de minha vida. Um caminhão me acerta de modo tão preciso que parecia calculado. Meus olhos embaçados já não enxergavam nada. Meus ouvidos não escutavam nada. Minha pele não sentia nada. Minha morte foi indolor.

A única dor é entrar no cinema dos sonhos e assistir, todos os dias, ao momento da minha morte pelo olhar de minha mãe.

Luiza Tiemi Canivier Kato

3º ano / Itapema

2025